

Na Serra de Arga com João Nunes: design, política e feijoada¹

Entrevista: Susana Barretoⁱ, Heitor Alvelosⁱⁱ, Eliana Penedos-Santiagoⁱⁱⁱ, Cláudia Lima^{iv}
Fotografia²: Cláudia Lima

Notas introdutórias

A entrevista com o designer João Nunes teve lugar na Serra de Arga no mês de Janeiro de 2019. A conversa teve início na manhã do dia 29 e prolongou-se pelo almoço, durante o qual, à volta de uma bela mesa, tivemos oportunidade de falar sobre a passagem de João Nunes pela Escola de Belas Artes do Porto, a sua experiência como designer durante a guerra colonial, enquanto cumpria o serviço militar, terminando com a partilha do Projecto ÍRIS DARGA³, a concretização de um lugar criativo, dedicado ao *Craft Design*.

A presente entrevista está integrada numa análise alargada da vida e obra de um grupo de artistas que se licenciou na Escola Superior de Belas Artes do Porto, nos anos sessenta e setenta, coincidente com o período pré e pós revolução social e política de 25 de Abril de 1974. O conjunto de 29 entrevistas realizadas entre os meses de Dezembro e Abril de 2019, decorre no âmbito do projecto “Transferência de Sabedoria, contributos para a inscrição científica de legados individuais em contextos de reforma universitária e científica nas Artes e Design”. (POCI-01-0145-FEDER-029038).

Notas biográficas

Designer português, João Manuel Nunes Tavares Nunes nasceu em 1951, em Mafamude, Vila Nova de Gaia. Iniciou a sua atividade profissional como fotógrafo e artista gráfico em Angola, realizando alguns trabalhos de índole política, como o cartaz de comemoração do acordo entre o MPLA, e UNITA e a FNLA, no Alvor, enquanto cumpria o serviço militar. Grande parte do trabalho que desenvolveu em Angola teve como cliente o MPLA. Regressou a Portugal em 1976, ano em que iniciou a licenciatura em Design de Comunicação - Arte Gráfica na Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Fundou dois estúdios na área das artes gráficas, em 1978 e em 1983. Em 1985 nasce o Atelier João Nunes. Colaborou com o designer João Machado e com o escultor José Rodrigues. Participou em várias exposições, individuais e coletivas, das quais se destacam a exposição de design de Nagoya, no Japão, em 1989 e a exposição de Vigo, em 1991.

Leccionou na Cooperativa Artística Árvore e mais recentemente na Universidade de Aveiro no curso de licenciatura em Design. A investigação e o projecto, dimensão crítica e social, sempre revestiram o seu trabalho de sentido ético e pedagógico, desenvolvendo, com as Aldeias de Xisto, um importante trabalho no âmbito do design social.

Palavras-chave: Geração Prateada, *Craft Design*, Natureza, *Design Activism*, João Nunes.

¹ Serra de Arga: 29.01.2019.

² Todas as imagens presentes no documento foram registadas no dia da entrevista.

³ <http://irisdarga.blogspot.com/>



Fig.1 — João Nunes durante as gravações da entrevista em Serra de Arga.

SUSANA BARRETO (S.B.): Falando um pouco do teu percurso como aluno da Escola de Belas Artes do Porto (ESBAP), em que ano iniciaste o teu curso?

JOÃO NUNES (J.N.): Em 1976. Foi o primeiro curso de Design, com o Jorge Afonso. Eu era aluno ao abrigo da lei militar, frequentei o primeiro e o segundo ano, mas a partir daí estava autorizado a fazer exames de três em três meses. Se assim não fosse não teria conseguido acabar o curso. Eu era já um profissional da área do design. Tinha começado a minha carreira como designer no exército. Enquanto militar trabalhei num gabinete de comunicação mantendo uma ligação ao MPLA, também na mesma área. Costumo dizer que era um “agente duplo”. O meu corpo trabalhava nos dois lados do eixo político, mas a minha cabeça era de esquerda e pendia naturalmente para o lado do MPLA.

Quando cheguei às Belas Artes o curso de design estava no início, sem grande equipamento, e os professores migravam da área da pintura, da escultura, da arquitectura, como aliás aconteceu em todo o mundo. O primeiro e segundo ano do curso eram comuns às quatro áreas. Na altura não me agradava nada, queria fazer design. Mas hoje, quando faço uma reflexão, reconheço que o contacto, enquanto aluno, com diferentes áreas do conhecimento foi fundamental para mim como profissional. Sobretudo com a escultura.

S.B.: As experiências como designer, no tempo anterior à tua frequência do curso de design na ESBAP, limitaram-se ao exército?

J.N.: Para além da experiência da passagem pelo exército incluo também a frequência do *atelier* do meu pai. O meu pai era arquitecto. Ainda muito novo, ficava impressionado com os desenhadores a afiarem a mina do lápis. A destreza da passagem de um desenho a tinta da

china, afinar um tira-linhas. Experimentei muito, aprendi a arte de cortar e manipular uma folha de papel.

S.B.: Como foi a tua experiência como designer no exército?

J.N.: Tive que fazer a tropa, sempre “no meio dos pingos da chuva” para não ir à guerra. Tive a sorte de fazer o meu serviço militar no *atelier* de comunicação do exército. Este espaço estava ligado ao comando-chefe das forças armadas. Concebíamos cartazes, acções de propaganda, desde a concepção até à impressão, e numa fase seguinte, havia um grupo de pessoas que se ocupava da distribuição. No departamento de design, fotografia e impressão trabalhavam cerca de 7 pessoas. A estratégia era da responsabilidade do General e do Coronel, que não eram operativos gráficos.

Por um lado, foi uma sorte ter esta oportunidade, por outro era difícil gerir a “veia política”. Havia determinadas mensagens políticas que iam contra as minhas convicções.

S.B.: Alguma vez pensaste manipular um cartaz com mensagens subliminares?

J.N.: Pensei e fiz. Cheguei a conceber e a preparar para impressão material de divulgação para o MPLA no seio do exército.



Fig. 2 - Cartazes desenvolvidos por João Nunes para o MPLA durante a sua passagem pelo atelier de comunicação do exército em Angola.



Fig. 3 — Cartaz desenvolvido por João Nunes durante a sua passagem pelo *atelier* de comunicação do exército em Angola.

S.B.: Enquanto aluno, que técnicas usavas para “pensar” os projectos?

J.N.: Desenho, lápis... Os instrumentos habituais: o tira-linhas, o compasso, a régua, o esquadro. E a pintura. Pintura a guache. Eu tinha o privilégio de ter tido contacto com pintura a aerógrafo na tropa. Havia apenas duas pessoas que pintavam a aerógrafo nas Belas Artes naquela altura, eu e o João Machado. Uma vez num exame com o Amândio Silva risquei uns negativos e ampliei-os. Estas experiências, que precederam a minha presença nas Belas Artes, permitiram o domínio destes artificios gráficos.

S.B.: Como descreverias a ESBAP no período pós-revolução? A escola era ativa no que toca à participação política?

J.N.: Eu, o Mário Vaz, o João Moreira da Silva, éramos um pequeno grupo de jovens anarquistas. Numa altura em que era fundamental anarquizar o sistema todo. Na altura a escola era muito politizada. Grandes assembleias gerais. Tudo se discutia: a escola, o sistema de ensino, os professores. Tudo estava em questão. Há quem diga que a nossa geração foi uma geração de passagens administrativas, que nada aprendeu e nada estudou. Concordo que muitos terão tirado partido disso e finalizaram o curso “entre os pingos da chuva”. Mas não será assim em todas as épocas?

Há um homem odiado por muito gente que, quanto a mim, foi extraordinário: Calvet de Magalhães. Foi um homem importantíssimo para o design. Entrou para o curso de design e contribuiu muito para a definição do mesmo. Os estúdios e os laboratórios de fotografia são

introduzidos por ele. Dario Alves, João Machado, Amândio Silva são também nomes de grande referência e extrema importância para o curso de design.

Apesar destes profissionais e professores integrarem o corpo docente durante os anos que frequentei a ESBAP, o facto de a minha relação com a escola se estabelecer por meio de exames de três em três meses comprometeu muito a relação com os professores. No entanto ia sempre às aulas do (Álvaro) Lapa, falávamos sobre Abraham Moles e os cibernéticos. Era um homem com um pensamento superior.

Ainda que de uma forma muito particular, eu mantinha uma frequência assídua da Escola de Belas Artes e estabelecia relações com as figuras interessantes que por ali passavam. Foi o José Rodrigues que me introduziu à classe intelectual portuense.



Fig. 4 — Espaço de *atelier* de João Nunes em Serra de Arga no qual partilhou algumas maquetas das suas obras mais emblemáticas.

S.B.: Que diferenças encontras entre as tuas aulas enquanto aluno e como professor?

J.N: Lembro-me das aulas de fotografia com o Sousa Lopes e o Calvet de Magalhães. Aulas livres sem o “bicho-papão” do excesso de controlo. As pessoas faziam os seus projectos numa perspectiva mais livre e descontraída. Os actuais programas são uma “faca de constrangimento” sobre os professores. Tive a felicidade de nos últimos 14 anos ter lecionado na Universidade de Aveiro. Quando o Carlos Aguiar me convidou, aceitei com a condição de que poderia pôr em prática os meus projectos de acordo com as minhas metodologias. Adorei a experiência até ao dia em que me atribuíram a regência de uma disciplina. Aceitei, mas sempre numa perspectiva de liberdade. Quando desenvolvemos um projecto incluímos tudo,

tipografia, cor, design de interação. O importante é que o professor tenha uma grande abrangência intelectual e uma formação ampla e transversal.



Fig. 5 — Cartaz desenvolvido pelo Atelier João Nunes “Dancem 97” para o Teatro Nacional São João no Porto a par de uma das suas peças em *papier maché* desenvolvida já num contexto recente de sensibilização para as causas ambientais mais actuais.

S.B.: Conta-nos o que te trouxe a Arga.

J.N.: Há uns anos, talvez na primeira Bienal⁴, passei por aqui com o João Moreira da Silva. Entretanto voltamos, comprei uma casa e fui ao convento com o José Rodrigues. Tinha muitos amigos em Cerveira. Há 30 anos carregava aqui as baterias, só com pescadores no rio.

Agora vivo cá. A partir do momento em que deixei o *atelier* no Porto, e fechei o ciclo do design de comunicação, entrei no ciclo do conhecimento da natureza. Pretendo ligar o design ao ciclo da natureza, às tecnologias tradicionais: à madeira e ao ferro por exemplo.

Foi minha intenção permitir, em torno da minha esfera, do meu espaço pessoal, a aproximação das pessoas oferecendo-lhes o acesso a ferramentas adequadas à produção de uma série de peças em ferro e madeira. Comecei pelo *papier mâché*⁵ e foi com esta técnica que comecei a trabalhar com pais e crianças. Tenho a minha casa disponível no Airbnb⁶, permitindo o alojamento de famílias nacionais e estrangeiras. As famílias vêm passar umas férias e eu convido-as a participar nestas oficinas, experiência que me proporciona uma

⁴ Bienal Internacional de Arte de Cerveira — <https://www.bienaldecerveira.pt/>

⁵ Andrews, D., *History of Papier Mâché Dolls*. <http://www.papiermache.co.uk/articles/history-of-papier-mache-dolls/>

⁶ <http://www.airbnb.com>

espécie de laboratório de investigação. Lanço temas relacionados com a natureza, como a ornitologia, que para mim, que aqui vivo, estão muito presentes, e transporto-os, através destas experiências, para uma memória cidadina. Interessam-me as questões ambientais ligadas à questão do fazer. É importante olhar para uma árvore, retirar um pedaço dessa árvore e perceber que uma parte desse elemento da natureza será preservado no objecto.



Fig. 6 — Algumas das peças, em madeira, desenvolvidas neste novo período em Serra de Arga, fruto das oficinas desenvolvidas com famílias portuguesas e estrangeiras, com o objetivo de preservar a ligação do design ao ciclo da natureza e às tecnologias tradicionais.

S.B.: Sobre o lugar do design. Sobre o designer que és hoje e a tua colaboração com as Aldeias do Xisto.

J.N.: Design com responsabilidade social, design activismo, design relacional, design estratégico. O design não esgota a sua área de atuação. Bom design é o design de grande humildade. Trabalhei com uma grande variedade de profissionais e acabo por ter um conhecimento superficial de muitas áreas do conhecimento. Mas é sempre a humildade, a receptividade e o respeito pela sabedoria desses profissionais que me permite fazer um bom trabalho.



Fig. 7 — Oficina de João Nunes em Serra de Arga.

Há 30 anos, tive a oportunidade de visitar a Holanda e perceber que em Amsterdão já se pensava o *Craft Design*. Aqui em Cerveira faziam-se exposições com artesanato, umas coisas terríveis com bons e maus artesãos. O importante era serem muitos. Lembro-me de comentar com o José Rodrigues a possibilidade de ligação do design ao *craft*. E na sequência desta conversa organizámos uma exposição/concurso em dois meses. Chamava-se “Vila Nova de Cerveira: Design Artesanal”. Com um bom prémio, um júri e personalidades ligadas à etnologia, como Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira. Foi em 1985. Achei que era um caminho. À semelhança dos dinamarqueses, noruegueses, finlandeses. Era o caminho da ligação entre o desenho, o projecto, o saber fazer e as tecnologias. Uma mais valia em termos económicos e em termos de relacionamento e estabilidade entre as pessoas.

Mais tarde, em 2012, num congresso sobre *Craft Design* no Porto, fui convidado a apresentar uma comunicação. Nesse evento tomei contacto com uma pessoa ligada às Aldeias do Xisto, conversámos, e o meu nome foi indicado para colaborar com a associação ADXTUR. Os três últimos projectos que desenvolvi, a partir de então, em colaboração com esta entidade, deram-me a oportunidade de pensar as ligações entre o saber fazer manual, a área do projecto e o design. Aqueles que fui desenvolvendo na Universidade de Aveiro, e a colaboração simultânea com a ADXTUR que gere as Aldeias do Xisto, permitiram-me crescer como designer intervencionista, como designer estratégico, como designer ambientalista. Água Musa, L4Craft, Agricultura Lusitana, foram apresentados no passado mês de Dezembro (2018), em Lisboa, num seminário que permitiu a reflexão sobre o futuro das Aldeias do Xisto integrando o *Craft Design* e o pensamento multidisciplinar, ambos fundamentais ao desenvolvimento do interior do país.



Fig. 8 — João Nunes em Serra de Arga durante a visita guiada ao espaço de trabalho.



Fig. 9 — Susana Barreto, João Nunes e Eliana Penedos-Santiago em Serra de Arga durante as filmagens.

Referências

Barreto, S; Lima, C.; Penedos, E. (2019). “Conversa com João Nunes, 29 de Janeiro”.

Andrews, D., *History of Papier Mâché Dolls*. <http://www.papiermache.co.uk/articles/history-of-papier-mache-dolls/>

ADXTUR <https://aldeiasdoxisto.pt/entidade/706>

<https://aldeiasdoxisto.pt/>

<https://www.behance.net/atelierjoaonunes>

<http://irisdarga.blogspot.com/>

<http://www.ateliernunesepa.pt/pt/>

Biografias dos autores

ⁱ **SUSANA BARRETO, ID+ Universidade do Porto**, susanaxbarreto@gmail.com

Susana Barreto é Educadora e Investigadora no departamento de Design da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Actualmente integra a equipa coordenadora de dois projectos: “Transferência de Sabedoria: Contributos para a inscrição científica de legados individuais em contextos de reforma universitária e científica nas artes e design”, e “Anti-Amnésia: Investigação em Design como agente para a regeneração e reinvenção, narrativas e materiais, de culturas e técnicas de manufactura portuguesas em desaparecimento”. Os seus interesses de investigação centram-se no papel da cultura na comunicação visual, no design cross-cultural, globalização da imagem, nos métodos visuais de investigação e na ética do design.

ⁱⁱ **HEITOR ALVELOS, ID+ Universidade do Porto**, halvelos@fba.up.pt

Ph.D. em Design (Royal College of Art, 2003); MFA (School of the Art Institute of Chicago, 1992); Membro da Academia Europaea desde 2015.

Heitor Alvelos é Professor de Design e Novos Media na Universidade do Porto, onde é também Director do Plano Doutoral em Design e Director do ID+ / Unexpected Media Lab. Os seus interesses incluem as implicações lexicais dos novos media, a ecologia da percepção e criminologia cultural. Actual Presidente do Conselho Científico (Ciências Sociais e Humanidades) da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Comissário, FuturePlaces Medialab para a Cidadania, desde 2008. Presentemente integra a equipa coordenadora de dois projectos de investigação: “Anti-Amnésia: Investigação em Design como agente para a regeneração e reinvenção, narrativas e materiais, de culturas e técnicas de manufactura portuguesas em desaparecimento”, e “Transferência de Sabedoria: Contributos para a inscrição científica de legados individuais em contextos de reforma universitária e científica nas artes e design”. Obra audiovisual desde 2000 via Touch, Cronica Electronica, Ash International, 3-33.me e Tapeworm. Alter-egos incluem Autodigest e Antifluffy. URL: www.benevolentanger.org

ⁱⁱⁱ **ELIANA PENEDOS SANTIAGO, ID+ Universidade do Porto**, eisantiago@fba.up.pt

Eliana Penedos Santiago é Doutorada em Desenho (2012) pela Universidade Politécnica de Valencia, Facultad de Bellas Artes de San Carlos. Mestre em Artes Digitais Multimedia pela Universidade Católica Portuguesa - Escola das Artes (2001) e Licenciada em Design de Comunicação Visual, pela Escola Superior de Artes e Design, em Matosinhos (1998). Foi docente do curso de Design de

Comunicação da ESAD entre 2003 e 2018, passando em paralelo pelo Instituto Universitário da Maia, Universidade Fernando Pessoa e Universidade Lusófona do Porto. É investigadora do ID+, atualmente ao abrigo do projecto financiado pela FCT, “Transferência de Sabedoria: Contributos para a inscrição científica de legados individuais em contextos de reforma universitária e científica nas artes e design”.

^{iv} **CLAUDIA LIMA, ID+ Universidade do Porto, claudiaaquellima@gmail.com**

Cláudia Raquel Lima é Doutorada em Media Digitais (2015) pela Universidade do Porto, tendo sido bolsista da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia; Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa (2009) e em Desenho e Produção Multimédia pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona (2005); Licenciada em Design de Comunicação, pela ESAD, em Matosinhos (1998). É docente do curso de Design de Comunicação da Universidade Lusófona do Porto e investigadora do ID+, encontrando-se a desenvolver o projecto “Wisdom Transfer” financiado pela FCT. Os seus actuais interesses de investigação incluem o estudo de práticas de ensino na arte e design; estudo da fotografia como documento social; estudo de práticas de comunicação das bibliotecas públicas portuguesas no âmbito das plataformas web. Sobre estas temáticas tem participado, nos últimos anos, em várias conferências e publicado diversos artigos em revistas científicas.